

Universidade Presbiteriana Mackenzie
Direito

Vinicius Toshiaki Onzeki Katayama

Uma visão da economia e inovação tecnológica para a sociedade e o seu desenvolvimento

São Paulo - São Paulo
2020

RESUMO: Analisando o artigo de Ligia Zagato, com a vista sobre os países em desenvolvimento, entendemos que estes podem realizar seu catching up no século XXI, porém, para que isso se concretize, é preciso atentar-se sobre alguns fatores, como a economia e a tecnologia, os quais são imprescindíveis para o auxílio do desenvolvimento. Contemplaremos ainda nesta análise a observação destes fatores mencionados em conjunto com alguns elementos a serem considerados, como a felicidade e a inovação. Estes serão de grande ajuda para examinar a questão da sociedade e auxiliar no entendimento de como compreender o avanço no desenvolvimento.

PALAVRAS-CHAVES: Economia; catching up; inovação; tecnologia; desenvolvimento; felicidade.

ABSTRACT: Exploring the Ligia Zagato's article, with a view on developing countries, we understand that they can catch up in the 21st century; however, some factors that are essential for the help on the development must be analyzed for their succeed, such as the economy and technology. We will also examine these factors considered with some other important elements, for instance, happiness and innovation. These will be a good coefficient to help studying the issue of society, and assist the view on the progress in development.

KEYWORDS: Economy; catching up; innovation; technology; development; happiness.

Sumário

Introdução.....	3
1. Uma visão econômica da sociedade	4
1.1. A Emulação e a Política industrial.....	5
1.2. O “ciclo da mutualidade”	6
1.3. A felicidade e a Economia da felicidade.....	7
1.4. A estrutura da economia e o Brasil.....	12
1.5. Economia, democracia e políticas públicas	15
2. Da inovação e tecnologia	18
2.1. A engrenagem dos pontos	21
2.2. A sociedade e a democracia com o desenvolvimento tecnológico	21
2.3. A tecnologia e os seus aspectos e consequências	24
2.4. O Desenvolvimento e a evolução de um país.....	26
Conclusão.....	28
Referências bibliográficas	30

Introdução

Diante do artigo de Zagato, a priori serão abordados dois fatores para a análise: a economia e a tecnologia. Estes podem ser um dos temas mais presentes e importantes em quase todos os países atualmente, senão as mais, para considerarmos.

A respeito da economia, observaremos a sua relevância e estrutura na sociedade observando, em conexão com a felicidade, o bem-estar e a satisfação analisados no interior de um país, e como todos esses elementos pode afetar o seu desenvolvimento. Entrelaçaremos ainda o ponto em questão em conjunto com a análise da relação do mesmo com a democracia.

No segundo ponto passaremos a observar a inovação tecnológica, essa por sua vez, está em crescente aumento sobre o mundo inteiro, dando destaque para grandes progressos de rapidez a distância, velocidade de informações, de obras e melhorias gerais, como em exemplo a internet (FORGIONI; MIURA, 2015, p. 111).

Veremos que a parte tecnológica com as suas inovações podem servir para a expansão de maiores avanços e celeridade nos processos de comércios, comunicações e produções, inclusive, atuar como um coeficiente na parte da economia.

Em síntese, de uma forma abrangente, observaremos a visão econômica no contexto da sociedade, em seguida analisaremos conceitos externos, de forma célere, sobre a questão da política industrial e da emulação, para assim trazer ao interno, um importante fator que é imprescindível para a economia, sendo esta, a felicidade supracitada. Ademais, veremos a questão da estrutura da economia e seus pontos, seguido de uma breve análise sobre algumas questões do Brasil.

Em seguida, passaremos a analisar o âmbito da inovação tecnológica e os seus aspectos diante da sociedade e, por fim, a diferença entre a evolução e desenvolvimento dentro de um país. Será ainda analisado a questão da democracia e alguns de seus desafios com os temas contemplados acima.

1. Uma visão econômica da sociedade

Especula-se aqui, de forma grosseira, uma análise, que parece ser aplicável diante da sociedade ao todo, a comparação de uma sociedade constituída entre sócios sobre o direito societário, com o contrato plurilateral¹. Esse fundamento tem por razão de que ambas as sociedades² parecem possuir ciclos e meios de composição idênticos, como observado sobretudo, nos interesses entre a população e o governo – como partes, ainda com interesses diversos –, assim, como o posicionamento de Ascarelli na sociedade de âmbito empresarial: “parece-me inegável que, na constituição da sociedade, as várias partes têm interesses antagônicos” (ASCARELLI, 1945, p. 277).

Como na visão dos próprios países, há, de forma ampla, uma designação de que um mecanismo de uma sociedade empresarial, como contempla o autor, também pode ser vista, abrangendo toda a população de uma sociedade, “no que respeita à avaliação das respectivas contribuições; à determinação da respectiva ingerência na administração; à distribuição dos lucros e das perdas” (ASCARELLI, 1945, p. 277).

É possível relevar, um meio comparativo, de que uma sociedade constituída em razão de um contrato plurilateral, é um reflexo da própria sociedade ao todo, sobre um território ou país, visto que engloba sobre o escopo de todos os processos supracitados, pelos meios administrativos e na população em si. Haverá sempre, sobre a sociedade, a busca pelo objetivo principal, as consequências de lucros e perdas, assim como em uma sociedade de finalidade empresarial constituída pelas partes.

Posto essa análise especulativa, é possível compreender que a sociedade pode ser comparada como se fosse um contrato plurilateral, visto que o ponto a ser discutido em si, seria das atividades, das ações, e principalmente, dos elementos materiais e a atuação nos procedimentos em um todo. Em seguida, é relevante trazer um vínculo, da denominação da economia, em essência, nesta reflexão, a economia política de uma sociedade, o qual pode ser considerada como “um estudo da Humanidade nas atividades correntes da vida; examina a ação individual e social em seus aspectos mais estreitamente ligados à obtenção e ao uso dos elementos materiais do bem-estar” (MARSHALL, 1996, p. 77).

¹ De forma geral e ampla, aquele que pode trazer mais de duas partes sobre um contrato, inserindo ainda, os direitos e obrigações (ASCARELLI, 1945, p. 285).

² A sociedade no âmbito empresarial e a sociedade constituída por um Estado ou País.

E desta economia, parte o meio em que desenvolve a sociedade, perante todo o englobamento dentre os países³. O contexto observado por Marshall sobre a economia política é imprescindível para analisar o aspecto de estrutura da mesma, sobretudo, da análise de conectividade com as partes sociais e individuais com os meios materiais, dando a possibilidade de ver do externo para o interno.

1.1. A Emulação e a Política industrial

Por conseguinte, podemos adentrar no conceito externo de Ligia Zagato (2019), o qual verifica importantes questões para os países em desenvolvimento analisarem em seu processo de catching up. Aqui observaremos dois destes meios: a emulação e a política industrial. A primeira seria na tentativa de reprodução de modelo econômico utilizado por países desenvolvidos, já a segunda consagra no resguardo da menção ao protecionismo, com possíveis meios de bloqueios e barreiras comerciais, todavia, de forma mais ampliada.

Preliminarmente podemos notar que a emulação depende muito das bases econômicas do próprio país que irá reproduzir o outro modelo econômico mais desenvolvido, visto que é possível haver consequências diante desta margem, em virtude da eventual desproporção de capital, meios, insumos, entre diversos outros mecanismos que são imprescindíveis para o movimento da engrenagem na economia.

Portanto, ao ponderar sobre a execução de uma emulação, se faz necessário analisar se os meios econômicos que compõe a sociedade⁴, estão equilibrados e prontos para serem moldados e reproduzidos da mesma forma que o modelo apreciado. Pois de nada adiantará, se houver a reprodução dos modelos desenvolvidos, e os países não conseguirem acompanhar perante uma economia própria desestabilizada⁵, ou ainda em progresso. Logo, a emulação é um grande movimento, porém, devemos atrela-la com cautela, sem que essa seja inserida de forma errônea ou precoce.

Em relação a política industrial, vemos que a mesma é bem mais ampla que o protecionismo, o qual, por sua vez, não era de total vantagem. Vale realçar o horizonte que traz o seguinte ponto: “os benefícios auferidos pelos países que aplicam as barreiras ao comércio

³ Países desenvolvidos e países em desenvolvimento.

⁴ País e a população em conjunto país e a população em conjunto.

⁵ Em casos de prejuízos ou perdas sobre quaisquer circunstâncias, como em exemplo, quando se está em alguma crise.

são parciais, na medida em que contemplam apenas o setor protegido”. (MARQUES; BATISTA JUNIOR, 1987, p. 41).

Entende-se também, que em observância com a estabilidade, em geral, há uma perda de excedente do consumidor, tendo em vista do aumento de preços dos produtos a serem importados, diminuição de valores dos recursos de produção e até o resguardo dos empregos, em razão de que, na maioria das vezes, países em desenvolvimento, pelas faltas de financiamentos, cortam suas importações, afetando diversos outros setores de exportação (MARQUES; BATISTA JUNIOR, 1987, p. 41). Dessa forma, pelo fato da amplitude da política industrial, nos leva a entender que essa estratégia se faz eficaz para a melhoria do desenvolvimento de um país.

1.2. O “ciclo da mutualidade”

A prudência econômica deve ser contemplada, em consequência de que, se houver uma instabilidade ou alguma interrupção em geral, como em exemplo, das referidas barreiras comerciais, o país poderá entrar em colapso, não só pelos setores de exportação afetado, mas pelo fato de ainda haver um âmbito do ciclo da mutualidade⁶, este espaço se consagra por entre a maioria dos países em razão de ser observado como se fosse um círculo de estabilidade por entre eles. Na medida em que há a exportação de matérias primas, também há geralmente uma troca, por entre os negociantes, trazendo vantagem e benefícios para ambos os lados.

É da troca em que podemos observar uma reciprocidade por entre os países, visto que podem transferir o que há em geral, o seu excesso⁷ de produção de um bem para receber algo que necessite em troca, e assim, sucessivamente, incluindo o seu comércio. Logo, se este “ciclo de mutualidade” se romper por um país, as chances de ocorrer as instabilidades econômicas são enormes, pois “considerando que não existe país autossuficiente em todos os setores, ou seja, que possa atender às necessidades da população e se desenvolver economicamente sozinho, é necessária a parceria comercial entre diferentes nações” (FIA, 2020).

Acordos internacionais entre troca de produtos ou exportações trazem o efeito mútuo, gerando assim, uma estabilidade, e conseqüentemente, moldando um círculo que vai se

⁶ Esse nome livre foi dado em virtude do contexto de circulação de trocas pelas exportações, dando a entender que há uma conexão entre os países, isto é, uma mutualidade entre as partes.

⁷ Aqui o excesso é representado como um bem, ou produção em que se encontra suficiente para um determinado país, desta forma utilizando o seu excedente para a respectiva troca com os demais.

repetindo pela necessidade e mutualidade de trocas. Um exemplo seria o Brasil, pois “com acordos comerciais bem-sucedidos, o Brasil pode se integrar melhor com outros países, facilitar o fluxo de mercadorias, capitais e serviços e a circulação de pessoas” (FIA, 2020). Alguns casos seriam com relação a Organização dos Estados Americanos (OEA), G-20, ou a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP).

Porém, para que tudo isso ocorra de forma bem-sucedida, se faz ponderoso delinear primeiramente o âmbito interno do país, examinando as suas circunstâncias de capacidade para dirigir a economia e continuar com o seu crescimento e permutas, e em seguida, considerar a sua estrutura.

Um dos exemplos que podemos constatar é o caso do Brasil, o qual teve seu avanço nos anos entre 1955 até por volta de 1980, por meio de uma estratégia de crescimento e avanço, baseada no aporte de recursos externos, advindos dos fluxos internacionais de capitais (AREND; FONSECA, 2012). Dessa forma o Brasil obteve grandes avanços, diante do capital estrangeiro, aumentando seu desempenho, ainda com relação ao estudo dos autores supracitados. No entanto, a estratégia sobre sua estrutura deve ser considerada, dadas as possíveis consequências que podem ocorrer, como veremos adiante.

1.3. A felicidade e a Economia da felicidade

Adentrando-se para o âmbito mais profundo e interno, vemos que outros fatores podem influenciar na economia, fazendo com que ela nos leve a resultados diversos no externo, uma delas que iremos abordar aqui será a felicidade. A felicidade é um fator considerado eficaz para a produtividade ou a elevação de um âmbito com vista das pessoas em si. Pois além do desenvolvimento, há ainda o contentamento das massas, isto é, o bem-estar da população (CAMPOS, 2013).

Parece excêntrico observar dessa forma, mas na parte social, dentro de um meio econômico, a felicidade e o prazer estão ligados, de forma intrínseca. Diante disso, a chamada Economia da Felicidade, aprofunda na observação de fatores por trás dos indivíduos, utilizando além dos utensílios da economia, os fundamentos da sociologia e da ciência política, com o foco principal na psicologia (NERY, 2014).

Observa-se aqui, a questão de todo um processo para ser compreendido, partindo de um olhar além do que é econômico, abrangendo ainda, a questão emocional e satisfatória de uma

sociedade, “pois o estado econômico de um povo não emerge simplesmente das condições econômicas precedentes, mas unicamente da situação total precedente” (SCHUMPETER, 1997, p. 69).

Podemos compreender que uma renda per capita maior dentro um país se vale não somente do crescimento de bens materiais, como ainda, da liberdade de escolha, acesso à cultura, serviços de saúde, tudo relacionado a qualidade de vida⁸ (CHIAVENATO, 2018). Com a felicidade relacionada sobre a economia, é provável que as pessoas tenham maior esforço e eficácia nas atividades de seus trabalhos em suas rotinas. A intensidade de maior reação e rendimento, de forma ampla, pode estar também vinculada pela liberdade e bem-estar⁹.

Tendo em vista desta premissa, pode-se entender um pouco sobre a análise de um dos principais motivos para uma possível desestabilização emocional e da satisfação dentro de um país. Segundo Economic Research Council (2019), em sua pesquisa da economia em conjunto da parte da felicidade, foi observado as margens de, pelo menos, 10 países desde o ano de 2015 até 2019 com relação à economia e felicidade. A partir dessa pesquisa, será contemplado a análise do Brasil, Estado unidos e da Índia.

Notou-se que no Brasil, segundo os dados levantados, em 2018 houve quedas em sua felicidade, principalmente pelas ocorrências de insatisfações sociais, atreladas ao baixo nível de confiança da população em conexão ao governo, dando abertura para outras instabilidades, como na sua própria economia, segurança e bem-estar geral. Com os Estados Unidos não foi diferente, segundo os dados explorados, em 2016, houve quedas na felicidade da população¹⁰, isso em razão das divergências em que ocorreram durante o período de eleições, sobre as divergências e discussões. E, por fim, a questão da Índia, o qual também teve sua felicidade celeremente diminuída, segundo alguns pesquisadores, foi entendido que algumas participações religiosas e meios atrelados a espiritualidade sobre a população sofreu decréscimo, e estes meios favoreciam, em parte, a questão de satisfação.

Ainda na questão da Índia, podemos ver que algumas pesquisas trouxeram o baixo índice de crescimento no trabalho, bem como a diminuição do rendimento e da produtividade. O baixo

⁸ Neste sentido, não é surpresa a alta correlação do Índice de Felicidade da ONU – calculado a partir da avaliação dos indivíduos quanto à satisfação com as suas vidas – com o nível de renda per capita dos países. (CHIAVENATO, 2018).

⁹ Por bem-estar, neste contexto, podemos observar não apenas a parte de qualidade externa da vida de cada indivíduo, mas ainda a aptidão pelo meio interno, logo, entendendo a parte emocional que leva ao mental também.

¹⁰ Segundo Economic Research Council (2019), houve uma queda de 50% da felicidade desde 1990 até 2018, aumentando apenas em 2019.

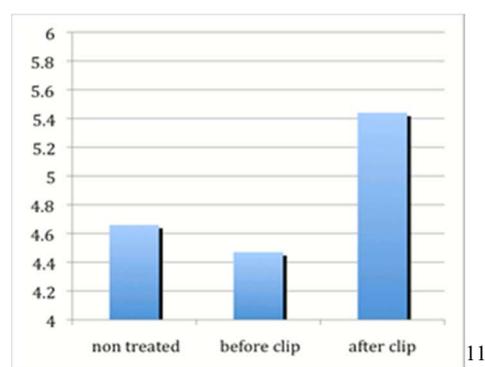
nível de sistemas no trabalho foi observado como um resultado de poucos investimentos na educação e infraestruturas, principalmente em áreas rurais, os quais permaneceram com uma certa escassez na parte tecnológica rural.

Vemos que, durante a queda de felicidade na Índia, muitos outros meios e espaços se encontraram em declínio, com a baixa elevação de produtividade e crescimento, e ainda, com a estagnação, em virtude do pouco investimento da escolarização e do aprimoramento na base de infraestruturas para o desenvolvimento tecnológico. E, conseqüentemente, com os baixos níveis na prosperidade e na felicidade, outras esferas também acabam por ser afetadas, poderemos entender essa seara como uma engrenagem dentro de uma sociedade, o qual irá ser analisada posteriormente, juntamente com a tecnologia.

Diante do exposto, pode ser contemplado em seguida, uma pesquisa em que Daniel Sgroi realiza uma série de experimentos, inserindo a felicidade como um fator que pode alterar o rendimento e performance das pessoas. Abaixo, pode ser verificado duas tabelas, mediante seu experimento realizado.

We found that happier subjects performed better, and as we might expect those who experienced significant negative life shocks were less happy and those who experienced significant positive life shocks were happier than those who experienced neither. (SGROI, 2010).

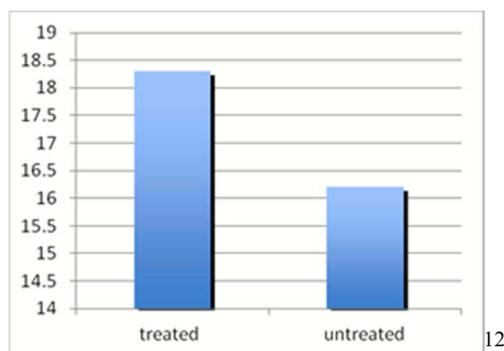
Tabela 1 - Reported happiness in Experiment 1



Fonte: Sgroi, 2010.

¹¹ Disponível em: <https://voxeu.org/article/does-happiness-affect-productivity>. Acesso em: 17 maio 2020.

Tabela 2 - Number of correct additions in Experiment 1



Fonte: Sgroi, 2010.

Foi um experimento realizado com 276 pessoas ao todo, com o intuito de analisar a questão da felicidade com o indivíduo, o primeiro experimento foi por meio de um clipe de comédia. O resultado obtido foi que o nível de felicidade dos indivíduos aumentou, consequentemente ocorrendo um aumento no rendimento e na produtividade nas tarefas aos quais foram designados a realizarem. No gráfico da primeira tabela à esquerda foi observado a efetividade do clipe de comédia, demonstrando em seguida, o aumento da felicidade após as pessoas terem assistido.

Já no gráfico da segunda tabela pode ser contemplado o aumento da produtividade adicional, tendo em vista, o grupo o qual foi aplicado ao processo principal em relação ao grupo que não foi tratado na mesma forma. Baseado em seus experimentos, Sgroi entende que, na maioria em sua tese, aqueles tiveram experiências mais agradáveis, tendem a ter maior felicidade, e assim, maior rendimento em relação aos que experimentaram acontecimentos negativos ou neutros.

Com isso, podemos trazer em questão, a relação dos resultados desta experimentação, vinculando a felicidade como fator analisado, adentrando aqui na questão de performance na economia diante da sociedade. Desta forma, vemos que essa questão é um elemento significativo para todos que desejam um bem-estar, principalmente emocional¹³ na sociedade. Com a felicidade relacionada sobre a economia, é provável que as pessoas tenham maior esforço e eficácia nas atividades de seus trabalhos em suas rotinas.

¹² Disponível em: <https://voxeu.org/article/does-happiness-affect-productivity>. Acesso em: 17 maio 2020.

¹³ Em seu reconhecimento e autoconhecimento, trazendo desta forma, o seu domínio e a essência da parte mental e intelectual, logo, a felicidade verdadeira, daquilo que ressalta por dentro da própria pessoa, e não do que vem do externo.

Ademais, questões subjetivas do indivíduo também são levadas em conta para a observância em seu rendimento. Em exemplo, podemos destacar a desigualdade social em que pode afetar muito de forma abrangente os dados de felicidade para a parte da população. Além de outros casos no dia-a-dia como assaltos, acidentes, brigas, discussões, e até doenças, os quais são normalmente um coeficiente para a queda da felicidade e do bem-estar do indivíduo.

É viável inferir que, em geral, a felicidade influencia em todas as ações de vontade do indivíduo, considerando ao todo, o seu rendimento de trabalho, bem como nas suas atividades prestadas na sociedade. No entanto, para que haja a concepção deste fator, é preciso atentar aos pontos que favorecem esse meio, ao ser inserido na sociedade, alguns destes pontos podem ser identificados, como o seu estado emocional.

Devemos compreender, que as altas produtividades industriais e capitais não configuram a felicidade em sua integridade, tampouco a sua metade, ou seja, por mais que a sociedade possa obter um crescimento econômico positivo, o mesmo não justifica necessariamente a razão de uma satisfação geral. O que transcende da felicidade são fatores em conjuntos, que estão relacionadas com o bem-estar, isto é, do meio de vida, e a satisfação de uma população. Segundo o paradoxo analisado da felicidade em relação à economia, por Easterling (1974), o crescimento não é ressaltado apenas sobre esferas econômicas, é preciso observar no bojo, uma questão mais aprofundada apontada: “Happiness is measured here by overall life satisfaction”.¹⁴ (EASTERLING; ANGELESCU, 2009, p. 3).

Portanto, sobre o quesito de uma satisfação geral, entendemos que a economia estaria em um plano secundário, dado que a felicidade se encaixaria como um conjunto de requisitos prévios, perante o estabelecimento de um bom âmbito econômico verdadeiro. A proeminência de um dos fatores relacionados à satisfação com a felicidade seria relevada da comparação entre o rendimento per capita dos países, no tocante a satisfação geral da sociedade.

É viável entender o caso que Easterling traz sobre a China, o qual possui enormes taxas de produtividade e lucro, no entanto, pela pesquisa realizada no horizonte de sua felicidade, foi notado que essa mesma estava na média, e ainda, baixa, em referência a alguns outros países. Depreende-se então, ainda que a margem de lucro e de rendimento tenham suas taxas elevadas, a satisfação e o bem-estar da população pode não crescer de modo respectivo, trazendo a compreensão de um maior campo para a felicidade, o qual influencia no resultado final de um

¹⁴ Da tradução livre do artigo original: a felicidade é medida, aqui, pela satisfação da vida em geral.

país, emparelhando para o próprio modo de viver do povo. Vemos que o processo do avanço da evolução em sua totalidade, gera um maior progresso que vai se estendendo com o tempo, ao contrário de apenas contemplar o crescimento econômico, o qual não gera um estado absoluto de prosperidade (EASTERLING, 1974, p. 121).

1.4. A estrutura da economia e o Brasil

Zagato também insere o desenvolvimento da economia como um importante fator para a inserção de um progresso nos países em desenvolvimento, no entanto, como observado, muito do que se parte do amplo desenvolvimento da economia sobressai da felicidade, logo, a estruturação dessa mesma se deve partir, primeiramente da satisfação da população, para assim ser fruto do progresso.

O estruturalismo não compreende o desenvolvimento econômico como um causador do bem-estar da população, pois o desenvolvimento somente ocorre através da satisfação das massas, e não é, portanto, uma consequência de bons resultados econômicos. (CAMPOS, 2013).

Destarte, muitos estudos dos economistas clássicos, em relação aos países subdesenvolvidos, apontam que a baixa progressão da economia e do desenvolvimento são questões de consequências, estas derivadas das políticas governamentais inapropriadas e ineficientes, juntamente com a inserção da parte econômica de modo imperfeito (CAMPOS, 2013).

Segundo Marshall, podemos entender brevemente que há os agentes de produção, estes entendidos como: a terra, o trabalho e o capital. A terra é entendida como a matéria e as forças disponíveis da natureza, o trabalho se relaciona pelo fato de força econômica e o seu esforço do próprio ser humano e capital pelo fato de obter a produção realizada de bens materiais e benefícios em razão do resultado.¹⁵

Podemos compreender que há um tipo de estrutura primordial da economia pela questão acima, e desta que pode embasar ao aperfeiçoamento econômico, tendo em vista que aos poucos tudo vai se modelando. Em exemplo podemos analisar uma pequena indústria, essa tem a

¹⁵ MARSHALL, 1996, p. 203.

possibilidade de possuir todos os componentes observados, e deste ponto, aumentar e expandir os números de terras, trabalhos e conseqüentemente, o seu capital.

É possível realçar que, quando se trata da parte econômica, uma hora haverá um aumento ou uma diminuição¹⁶, seja qual for os componentes relacionados em relação à economia em seus aspectos de agentes de produção. Mas, de fato também haverá em algum momento a expansão dos três elementos destacados. A parte crucial para adentrar neste ponto seria o quanto a terra e o trabalho podem ser supridos, de forma a manter o capital crescendo, juntamente com a exposição de uma boa saúde e vigor da população que ali se encontram.

Temos a considerar em seguida as condições das quais dependem a saúde e o vigor, físico, mental e moral. Eles são a base da eficiência industrial, onde assenta a produção da riqueza material, enquanto, inversamente, a principal importância da riqueza material, se usada prudentemente, é a de aumentar a saúde e o vigor, físico, mental e moral da raça humana. (MARSHALL, 1996, p. 251).

Muito, ou até tudo, do que parte da saúde e do vigor sobreleva do aspecto emocional do trabalho, isto é, da aptidão mental e emocional da população. E é deste ponto que podemos apontar a felicidade, já observada.

Isto posto, podemos concluir que para que haja um bom funcionamento nas produções, a população em si, em questão de seus trabalhos, precisa estar saudável, e sobretudo, bem. E para alcançar o status desse “bem”, é importante sempre ter a prática de dispor, da felicidade, porém, sendo em sua forma essencial e não ilusória, ou seja, uma felicidade em que não há manipulações ou controles entre as partes, portanto, de essência limpa¹⁷.

Um exemplo que pode ser inserido como um dos meios ilusórios em que se observa a felicidade da população é na questão do Brasil, em vista da pesquisa realizada por World Happiness Report, o qual apresentou indícios em sua tabela Ranking of Happiness, de 2014 a 2016. Os indícios são a respeito de uma relevância na distopia e resíduo¹⁸, o qual Chiavenato também analisa em seus estudos, mostrando o posicionamento da ONU, e observando o entendimento como sendo “o pior lugar em termos de todos os indicadores, somado ao resíduo

¹⁶ Observado aqui como o lucro ou as perdas.

¹⁷ Aqui podemos citar o conceito da ideia de Aristóteles sobre a felicidade: “o homem feliz vive bem e age bem, visto que definimos a felicidade como uma espécie de boa vida e boa ação”. (OLIVEIRA, O. e OLIVEIRA, T., 2013). Adentrando, dessa forma, no contexto da essência limpa, logo, sem o mal.

¹⁸ Tradução livre do gráfico Figure 7: Ranking of Happiness: 2014-16 (part 1) de World Happiness Report. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/happiness-report/2017/StatisticalAppendixWHR2017.pdf>.

da regressão” (CHIAVENATO, 2018). Entendemos que há a ilusão da felicidade (a distopia) em alguns lugares, podendo aqui se valer do contexto de Easterling sobre o paradoxo da felicidade aludido, porém dentro de um país.

Diante do exposto, podemos indagar sobre a razão de o Brasil ser visto por essa forma, ademais, analisar como o referido país chegou a apresentar essa característica. Entende-se que muito do que se compara a expansão e melhoria de um país, se dá pelos caminhos tomados com o passar dos anos, em conjunto, alguns fatores como as decisões governamentais e investimentos de um país, os quais influenciam severamente no resultado.

Em fundamento das decisões governamentais, podemos ter como exemplo o estudo de Arend e Fonseca (2012), o qual salientou o plano de metas, proposto no governo de Juscelino Kubitschek, vinculando a um movimento de internacionalização. Essa estratégia permitiu um maior progresso e melhor desenvolvimento do seu mercado interno, bem como novos setores por uma época, no entanto, a mesma foi objeto de cumulatividade e irreversibilidade para os próximos tempos. Vemos que o Brasil, teve seus auges pelo seu catching up, entre 1955 até o final de 1980, isso com relação à estratégia adotada, levando para o foco de internacionalização, expandido o mercado interno e o próprio desenvolvimento. Todavia, ainda segundo estudo dos referidos autores, entrevemos, a partir das décadas de 1980 para frente, houve uma queda em razão da vulnerabilidade da estratégia, gerando um lock in na economia brasileira, em virtude de uma relativa desindustrialização precoce, restrição externa, atraso tecnológico e estagnação nas taxas de desenvolvimento, isso levou o Brasil a um decurso de falling behind.

Vemos que, diante de uma decisão realizada neste período, pode realizar um grande avanço, entretanto, deve ser prudente na questão de analisar suas consequências futuras, bem como as questões do acompanhamento de uma internacionalização no mercado interno; das possibilidades de inovações; da adaptação do tempo do Estado; e de um olhar sobre o desenvolvimento tecnológico. Sem a devida atenção sobre os fatores mencionados, bem como outros, o país pode acabar perdendo seu catching up.

Acredita-se ainda, segundo sustentado por Maria Carolina (2019), períodos de governos autoritários entre 1937 a 1945 e de 1964 a 1985, foram considerados momentos que estagnaram avanços cívicos, contribuindo para os problemas pendentes na economia adiante. Crises entre 2015 e 2016 também apontaram uma diminuição na parte econômica, e nesse período, podemos interpretar a questão da “regressão” analisada por Chiavenato, o qual seria entendido como um falling behind, dado pela crise consolidada na época. Já o termo “resíduo”, também observado

pela autora, interpretamos como as marcas que foram deixadas no país, como decisões governamentais como o plano de metas e governos autoritários contemplados.

Podemos então inferir que o Brasil ainda não se recuperou totalmente das suas crises e do seu distanciamento, em razão do atraso nos setores de paradigmas microeletrônicos, consagrado por Arend e Fonseca, o qual podemos ver até os momentos atuais, em razão do atraso tecnológico do país, com relação aos desenvolvidos. Parte desse fundamento se dá pela falta de recursos nas aplicações dos setores da ciência, reduzindo assim, os incentivos institucionais.¹⁹

E por fim, analisamos que a felicidade de um país não seria, de fato, uma felicidade no que concerne a relação de boas produtividades e rendimentos, em virtude dos atrasos e algumas estagnações, mas sim, uma felicidade de falsa essência, se encaixando assim, na distopia previamente apreciada.

1.5. Economia, democracia e políticas públicas

Diante do que foi exposto no capítulo anterior, a respeito das decisões governamentais, vale inserir aqui, um último ponto da economia, porém não menos importante, o qual traz a sua relação com a democracia, sendo que esse meio de governo será compreendido aqui, como um fator que pode trazer o desenvolvimento e conseqüentemente. Prevalece o entendimento de que, com a inserção de uma boa democracia, é possível instituir novos métodos e estratégias para possibilitar o progresso.

Primeiramente, podemos entender que a democracia, em sua essência traz uma maior participação da população e segurança, isso pelo fato de haver as questões relacionadas aos modos de escolhas e poder sobre o Estado, sendo considerado aqui, a posição de relação identitária²⁰, o qual contribui para o aspecto de maior bem-estar da população para a sua atuação no Estado. A liberdade de envolvimento da sociedade, no geral, faz bem para melhorar até os índices de felicidade²¹, visto que com maior liberdade, segurança em participações e ainda, com vista da relação supramencionada, traz a possibilidade de maiores expansões da autonomia popular.

¹⁹ (LEMOS et al., 2006).

²⁰ “Observa-se uma relação identitária entre democracia e desenvolvimento” (MARTINS, 2010, p. 101).

²¹ “Bauman traz dois valores essenciais e indispensáveis para uma vida FELIZ: SEGURANÇA e LIBERDADE! Ele afirma: você não consegue ter felicidade sem um dos dois!” (HESS, 2020).

Aqui podemos apreciar a minúcia de uma dimensão que conduz a democracia, em seu prisma de essência, o qual traz maior capacidade para políticas públicas. Esse resultado se dá pelas influências do processo de composição de políticas supraditas, pelo fator do aumento da liberdade, logo, o rendimento também é expandido. Em síntese, temos que a liberdade e políticas públicas são relacionadas, pois se reforçam de forma mútua, e conseqüentemente, o rendimento e prestações aumentam a capacidade individual (MARTINS, 2010, p. 101).

Perante esse apontamento, podemos trazer uma análise do economista Jagdish Bhagwati, citado por Júlia Cadaval (2010), este evidencia que o governo só poderá atender as demandas sociais em relação ao Estado se houver crescimento econômico. Notamos deste modo, que tudo se associa, considerando um Estado democrático, em razão de haver uma maior liberdade para a população, o qual ajuda em instituições e políticas públicas, a participação é elevada pela relação identitária, se ocorrer o bem-estar, o rendimento cresce de acordo com as prestações e com isso, a capacidade individual se eleva, aumentando a economia, e com a economia as demandas sociais são atendidas.

Ao mesmo tempo, vemos que é um dos grandes desafios para a democracia exercer o equilíbrio, entre o contentamento do povo, com uma expansão econômica, de uma forma efetiva e considerável. Para tanto, entrevemos que é preciso que analisemos as questões do processo da democracia, estes sendo: da felicidade, como contemplado anteriormente; das políticas públicas; de uma relação identitária do povo com o governo e de uma boa estruturação econômica.

Pode ser que há um ponto a ser analisado: e se o fator de atendimento ao povo vir antes do crescimento econômico? Por isso é importante trazer a questão da felicidade de forma íntegra²², como observado antes, o contentamento e a satisfação das massas é imprescindível e ainda, conveniente, e para essa questão, podemos trazer o entendimento da pesquisa de Sgroi já contemplada. Assim como em seu experimento pelo aumento da felicidade, pelo clipe de comédia, é possível introduzir esse fator na sociedade, dessa forma a criar meios que possam aumentar a felicidade das pessoas, mas que trazem à tona sua essência limpa, a verdadeira felicidade. Por esse motivo é que a felicidade não deve ser descartada, principalmente quando a elevamos no âmbito da democracia e da economia.

²² A felicidade compreendendo o bem-estar, a satisfação e todos os outros meios que integram estes no *modus vivendi* da população.

Um outro ponto analisado seria do paradoxo de uma felicidade: e se houver um crescimento da economia, porém, esse acompanhado por uma certa insatisfação, ou ainda, de uma distopia? É neste ponto que se faz indispensável as condições de meios de governar e equalizar o equilíbrio entre uma boa produtividade com o contentamento, em outras palavras, buscar um elo entre o atendimento e cuidados ao povo, com o objetivo em prosperar, respectivamente, trazendo à luz, uma relevância para as políticas públicas, os quais são de grande importância, quando considerados de forma ética.

No que tange a política pública, concebemos nesse campo, como um instrumento imprescindível para se instituir o gerenciamento da vida e nas leis sobre um Estado, segundo Sullivan e Segers (2007), estas também distribuem recursos e valores, dando a possibilidade para um molde na vida política e social no processo. Destarte, apreciamos que este coeficiente pode afetar de forma direta, o próprio estado de vida das pessoas, dado que, as mesmas são promovidas por escolhas, as quais estão ligadas diretamente pelas decisões de governantes. Isto posto, vemos que há a necessidade de que essas escolhas e decisões sejam acompanhadas da ética, além da política. Passamos a delinear então, juntamente com as autoras supracitadas, a questão da relevância da ética aplicada, o qual se relaciona em uma justificativa e desenvolvimento de normas e padrões que devem ser inseridos.²³

A ética, nessa seara, traz uma busca ampliada para as decisões das quais os governantes tomam, aprofundando no tocante analisar sobre o: pensar se a decisão a ser feita é a melhor de todas as outras que podem ser realizadas; cumprimento de uma premissa da qual afirma a necessidade de efetuar deveres ou obrigações morais, independente do resultado; e entendimento de observar questões morais pela moralidade constatada em seu caráter.²⁴ Portanto, quando há uma decisão sobre alguma política pública, a inserção da ética se faz imprescindível para instituir uma escolha mais precisa e menos obscura, esse fator é tão importante quanto uma boa relação identitária, em razão de que, com certas decisões dessas políticas supramencionadas, as consequências geradas podem aumentar ou diminuir tanto a felicidade, quanto a economia consequentemente, justamente como o caso do Brasil, o qual foi analisado.

²³ (FISCHER et al., 2007, p. 310).

²⁴ (FISCHER et al., 2007, p. 310-312).

2. Da inovação e tecnologia

Passamos a analisar então a parte do progresso da tecnologia observado também por Ligia Zagato. O que se pode observar, primeiramente sobre o alicerce dessa esfera seria do prelúdio de benefícios e vantagens que trazem para todos os países desenvolvidos ou em desenvolvimento.

O âmbito em que ressalta tal progresso pode ser verificado tanto em parte de comunicação, transportes, produção e até nos resultados da economia. Com a inovação tecnológica, a sociedade vai se tornando cada vez mais célere e superior nas questões de desempenhos com suas tarefas, trabalhos, exportações e nas linhas de economia. Com o procedimento de aumento tecnológico, até o comércio internacional começa a ter maiores benefícios, conseqüentemente, acrescentando melhorias no “ciclo de mutualidade” observado anteriormente, fazendo com que os países, realizem suas trocas cada vez mais aceleradas.

Um bom exemplo para observar o considerável uso da tecnologia seria sobre os aspectos da internet, o qual nos traz a imagem de que não apenas aumentou o espaço de comunicações, de rapidez para as tarefas e diversões do cotidiano, mas ainda, para a instituição de novos negócios, como empresas e lojas virtuais, e até na margem de localizações mais rápidas e acessíveis, como a geolocalização. Com isso, podemos compreender que houve novas inovações por dentro de um progresso tecnológico, trazendo um entendimento do horizonte sobre um progresso contínuo pelo tempo, nos levando a entender que muitos dos âmbitos sociais começam a ter seu *modus operandi*²⁵ transfigurado.

A internet ainda auxilia principalmente em tempos em que não conseguimos sair para os locais necessários, trabalhos, estudos, como nessa época de pandemia do Coronavírus²⁶, em vista do isolamento social. A tecnologia nos ajuda muito em diversos momentos, fazendo com que parte dos trabalhos e ensinamentos sejam possíveis, mesmo a distâncias, evitando assim, muitos dos prováveis problemas que poderiam eventualmente ocorrer pela falta da disseminação tecnológica. No entanto, infelizmente, muitos locais entre diversos países ainda não foram totalmente assistidos pela tecnologia, ou ainda, pela internet.

Um exemplo em que podemos analisar a questão da internet é no Brasil, segundo dados observados por Tokarnia, em 2018, 25,3% das pessoas não tem ainda o acesso à internet. As

²⁵ Modo de operar.

²⁶ Uma doença a qual é infecciosa, gerada por um novo vírus que foi descoberto nesse ano.

causas são várias, podendo, pelos custos da aparelhagem em razão da utilização da internet, pela falta de informação, mas principalmente em vista do local²⁷.

Além disso, vemos que a chamada inovação acompanha os seus processos, trazendo, portanto, um alicerce para o avanço. “Para Schumpeter inovação seria a introdução comercial de um novo produto ou “uma nova combinação de algo já existente” criados a partir de uma invenção que por sua vez pertence ao campo da ciência e tecnologia” (VARELLA; MEDEIROS; SILVA JUNIOR, 2012). Atrelamos essa inovação aqui no contexto da tecnologia, o qual é aplicada e moldada, de forma a relevar novos efeitos.

É importante destacar que cada país possui um curso próprio em sua linha evolutiva de progressos, incluindo a inovação de tecnologias e as suas disseminações. Logo, a proporção do desenvolvimento pode vir a se relacionar com o atual andamento dos países. Destarte entrevemos o caso das diferenças de desenvolvimento entre estes, alguns, de certa forma, elevados, já outros, menos desenvolvidos, logo, fazendo com que o desenvolvimento próprio de cada um não se leve sempre para o mesmo caminho²⁸, mas por outros.

O importante detalhe aqui se ressalta pelo fato de observar a seguinte questão: conforme um país cresce, no aspecto de desenvolvimento e tecnologias, a parte da inovação cresce cada vez mais, e isso faz com que outros meios consigam evoluir também, como a economia, e a própria sociedade ao todo.

Na conjuntura da economia, concebemos o que Mihaela Diaconu observou juntamente com a posição de Fagerberg²⁹, com vista na identificação de três fatores que afetam a taxa do desenvolvimento econômico nos países, estes seriam: a inovação baseada em pesquisas e desenvolvimentos, a imitação, e os esforços de difusões da tecnologia. Isso com base ao entendimento que estes três fatores são levados em conta do chamado “technological gap”, o qual procura analisar e explicar as diferenças no desenvolvimento econômico dos países, reiterando o resguardo do esforço em relação as inovações.³⁰

²⁷ Nas áreas rurais, o acesso da internet, segundo Tokarnia, é bem reduzido em comparação com as áreas urbanas.

²⁸ Neste ponto, o caminho seria considerado como formas de inserir o progresso de seu desenvolvimento.

²⁹ Jan Fagerberg é professor associado ao núcleo TIK (Technology, Innovation and Culture) na Universidade de Oslo.

³⁰ Tradução livre do artigo original em inglês.

Fagerberg is situated on the same position in reference to the technological gap and income reduction among states, which may be possible both through imitation, but especially involving innovation, identifying three factors affecting economic development rate of countries: innovation (based on research and development), imitation and technology diffusion efforts. (DIACONU, 2011, p. 138).

Verificando os pontos³¹ que Diaconu traz, podemos entender destas a relação com a economia também é relevada: ambas são imprescindíveis para um país, e a reciprocidade entre elas sempre será existente. Logo, é possível concluir que o mesmo ocorre pela parte de inovação e da tecnologia, com a economia e vice-versa, isto é, se um se desenvolve, é provável que o outro desenvolva similarmente. Em consequência, haverá o “technological gap”, resultando nos três pontos elementares supracitados para qualquer país, com a finalidade da busca pelo desenvolvimento econômico e tecnológico.

Entende-se que os pontos especificados acima dão maior ênfase para o âmbito externo, agora vejamos os pontos que Lall (1992), citado por Gélio, traz a respeito da “maturidade tecnológica”³², o qual nos traz o entendimento de uma seara interna, dentro de um país, com enfoque sobre as firmas. Isto posto, passamos, da mesma forma, a sopesar essa maturidade tecnológica acompanhada a três elementos que caracterizam as capacitações requisitadas para o sucesso das firmas, os quais possuem um papel imprescindível para uma melhoria e expansão de tecnológica pelo Estado, principalmente quando se trata de inovação e difusão³³.

Os três elementos se caracterizam, segundo Lall, como: capacidade de investimento; capacidade de produção e capacidade de interligação. A primeira seria, segundo o autor, a determinação de possuir e prever os custos de capitais do projeto, adequação de escalas, produtos, tudo o que será necessário para trazer a eficiência da operação. Em seguida, o segundo traz a capacidade da qualidade ao produto, assim como designs, inovações e adaptações. E por fim, o terceiro traria o foco para o aprofundamento de estruturas industriais, por meio de difusões e transmissões entre clientes, fornecedores, instituições e outros. Dessa forma, com os três elementos ressaltados e bem trabalhados, é possível que possamos considerar a possibilidade de progresso tecnológico interno, para assim obter a apreciação de uma maior transmissão no país.

³¹ A imitação, inovação baseada em pesquisas e desenvolvimentos, e os esforços de difusões da tecnologia.

³² “É a capacidade que uma firma tem de identificar possibilidades para uma especialização eficiente em tecnologia e, após aplicar seus conhecimentos e esforços, aprofundar-se nessa especialização com suas próprias capacidades” (LALL, 1992, apud GÉLIO, 2011, p. 8).

³³ Referente ao ponto de Diaconu traz. Aqui consideramos o mesmo inserido em um âmbito externo.

2.1. A engrenagem dos pontos

Ao considerar os pontos que Diaconu promove anteriormente, assim como os apontamentos de Lall, podemos entrepor suas bases como um dos coeficientes para o florescimento do desenvolvimento tecnológico e econômico, tanto para a margem externa quanto para o interno. O aspecto econômico pode ser auxiliado pelo tecnológico, na questão do desenvolvimento, dado que tendo a expansão da tecnologia, conseqüentemente a economia terá, por meio de indústrias e mercados, o seu avanço também. E o mesmo ocorre com o tecnológico: para a efetiva inserção de insumos e materiais para o seu molde, é necessário o auxílio do aspecto econômico.

Tudo está interligado, a economia, a tecnologia, as inovações, dado que, se houver – postulando uma seqüência destes pontos – primeiramente a inovação por pesquisas e desenvolvimentos, a imitação e em seguida a difusão de tecnologias, a probabilidade de haver um disparo no desenvolvimento é grande. Em adição, Mihaela explora, na tipologia da inovação, o horizonte da contínua melhoria de processos e produtos, estes podem levar ao que foi chamado de “technological revolutions”, e assim, a um impacto na economia.³⁴

Sobre esta engrenagem, se faz presumível o sucesso de um avanço para a sociedade, em razão de entender sobre a proposição de que tudo está relacionado, como uma engrenagem, logo, sem um dos pontos, não rodará em sua totalidade.

2.2. A sociedade e a democracia com o desenvolvimento tecnológico

Ligia Zagato menciona a possibilidade de um investimento dos países nas inovações tecnológicas, com a finalidade em aumentar seus avanços, porém, ao adentrar neste ponto, começamos a contemplar alguns pontos sensíveis para serem tratados, e a primeira delas seria o trabalho.

A tecnologia e algumas inovações podem retirar, infelizmente, grande parte das atividades, principalmente daqueles em que se exigia algum conhecimento ou habilidade mais provecta, no entanto, ela também pode abrir novas demandas para novos padrões e sistemas, como a necessidade de novas ocupações para outros tipos de tarefas, e junto, de novas mentes

³⁴ Tradução livre do artigo original em inglês.

para trabalhar em pesquisas e inovações, sobretudo em atualizações nos setores de trabalhos, porém, isso não é simples.

Um dos maiores problemas se resulta justamente nesse setor, e ainda, pela evolução de bem-estar e boas condições nas vidas sociais. Além disso, é necessário que haja da mesma forma o crescimento tecnológico e de inovações, juntamente com a parte econômica, porém, não deixando de lado, as melhorias na sociedade, como a condição social e a igualdade.

O desafio é equilibrar os dois lados dessa equação, tendo em mente, para nossos propósitos, que o crescimento econômico gerado pela inovação tecnológica produz recursos adicionais tanto para a pesquisa básica - indispensável ao avanço do conhecimento humano - como para a pesquisa aplicada, assim realimentando todo o processo e possibilitando uma espiral de crescimento sustentado com reflexos na melhoria das condições sociais. (CAMPOS; VALADARES, 2008).

A sociedade e o desenvolvimento devem caminhar juntos, e o equilíbrio entre essas duas particularidades deve ser muito bem estabelecido. Ressalta-se que o bem-estar de uma sociedade é essencial, mas para alcançá-lo, é preciso situar a estabilidade entre a população com o aspecto de progresso de inovações e da tecnologia. Esses dois fatores mencionados são valorosos, não obstante, não podemos aferir apenas no constante desenvolvimento, sem ver antes se a própria população está preparada para manejar e levar esse progresso para frente.

Caso haja a retirada, de trabalhos com requisitos antiquados, há a imposição do emprego de novas profissões para serem trabalhadas, como por exemplo, engenheiros, pesquisadores, e outras diversas profissões ligadas ao contexto de inovação, em principal, da tecnológica. Aqui, podemos inferir a concepção de que a sociedade vai se modelando³⁵. Entendemos que, assim como a internet, o qual teve que ser estudada, aperfeiçoada, juntamente com a sociedade, que teve que se adaptar com a sua chegada, os progressos que são impostos devem ser percorridos no mesmo tempo em que as pessoas possam se acostumar. Senão, entrevemos a questão de aumento de desempregos, e ainda, das baixas taxas de conhecimentos do povo em relação com as inovações.

No caso do Brasil, vemos que a adaptação com a nova revolução tecnológica ao longo dos anos de 1990, na esfera do paradigma microeletrônico, apreciado anteriormente, não foi de forma elevada, trazendo, por conseguinte, uma estagnação para os setores, os quais eram mais

³⁵ Novamente trazendo o exemplo da internet, o qual fez com que muitos espaços fossem reorganizados, e até inovados, como em exemplo, as lojas virtuais. Ela ainda mudou por completo, muitas das comunicações e pesquisas a distância.

dinâmicos na parte industrial dessa revolução, segundo Arend e Fonseca (2012). Isso ocorreu em razão de o país já se encontrar em um progresso mais lento, não apenas nesse período, mas antes, desde a observação com os aportes de capitais de fora, e de sua economia estagnada.

O problema aqui é da eventual mudança e dos prováveis conflitos³⁶ que possa ocorrer a um certo progresso tecnológico ou alguma inovação instituída ou que vá ser inserida. Portanto, é sempre notável utilizar do tempo e do equilíbrio para estabelecer de forma gradual, a questão da taxa de aumento e desenvolvimento pelos aspectos econômicos, atrelados ao meio do bem-estar da sociedade, e ainda, acompanhando a engrenagem de pontos como constatado anteriormente.

O sucesso da implementação de um processo de *catching up* não se limita apenas à execução eficiente da fase imitadora. É necessário, também, que o país crie um ambiente propício à capacidade inovadora, capaz de aperfeiçoar tecnologias já existentes e desenvolver inovações. (DOSI, 1988 apud LEMOS et al., 2006).

Com o equilíbrio, podemos observar além do exposto, uma conexão positiva da população com o governo, em razão do fator tecnológico, visto que este interfere diretamente no desenvolvimento dos países, em questão de sua quantidade, também possibilita efeitos de ações e maiores vínculos entre as partes consagradas (SUZUKI, 2017, p. 46). E Mais uma vez, podemos destacar nesse meio, a democracia. Indagamos que todos os pontos citados até então, são inseridos integralmente a respeito dessa forma de governo, levando em consideração de que o mesmo é um dos dispositivos entendidos sobre um elo que soma a população presente. Portanto, a inovação tecnológica também é um dos insígnies desafios para a democracia trabalhar em seu próprio âmbito, uma vez que, em sua virtude, traz as suas finalidades em estabelecer um equilíbrio e participação popular.

No atual contexto, podemos entender que a tecnologia já é uma parte que se vincula na sociedade, o qual aprofundou ainda mais a esfera de comunicação e da conectividade incluindo do governo e da população. Levando em conta esse horizonte, pode-se observar o reconhecimento em aumentar também, a participação do povo, sobre meios tecnológicos, implementando como adição nas participações democráticas, bem como as opiniões, escolhas e outras manifestações, potencializando a essência da democracia. A participação popular pode

³⁶ Problemas relacionados ao manejo, bem como a dificuldade, adaptabilidade ou até pela difusão entre os locais e países.

ser elevada de acordo com a inserção da tecnologia dentro de uma democracia, aumentando do mesmo modo, segundo Suzuki (2017), a translucidez das gestões de governantes e do accountability.³⁷

Deste modo, é necessário incluir a tecnologia como um fator relevante para a participação da sociedade no momento atual, já que ela transformou a relação entre representantes e representados, possibilitando um maior controle social e responsabilidade por parte dos governantes, além de viabilizar a transparência da gestão pública e accountability. (SUZUKI, 2017, p. 46-47).

2.3. A tecnologia e os seus aspectos e consequências

Neste ponto, é significativo consagrar algumas particularidades diante do desenvolvimento que traz com a relação da sociedade. Estas, por sua vez, serão: a relação comercial e internacional; a melhoria de produção, e a distância em que pode se difundir.

Ao observar a perspectiva de relações comerciais e internacionais, vemos que o progresso de inovações tecnológica, sobre os meios e novos transportes, bem como os de comunicações, podem influenciar de uma forma descomunal. Dessa forma, podemos inserir a disponibilidade de maiores trocas comerciais internacionais, aumentando as exportações.

Para os clássicos, o desenvolvimento tecnológico em si, não pode ser desagregado do comercial internacional, visto que é deste em que os países podem munir a questão da falta de especialização, trazendo então o sustento no tocante aos bens, aumentando o excedente de consumo da população, elevando os efeitos positivos e o bem-estar, em consequência do comercial ser compreendido como uma troca dos coeficientes produtivos (CAMPOS, 2013).

Diante do exposto, chegamos a um ponto em que vemos a importância da tecnologia para o âmbito internacional, o qual podemos introduzir o bem-estar na sociedade, por motivo das trocas e comércios de bens, trazendo, portanto, o caso de sustento e de excedentes no país, mantendo de forma clara, o “ciclo de mutualidade”.

Procedendo para a margem da produção, verifica que a esfera da tecnologia também traz muitos benefícios na parte da mesma. Algumas das vantagens que a tecnologia dispõe para a relação da produção, principalmente em fábricas, seriam: a dinamização, velocidade, maior eficiência e maior produção. Vemos também que com o avanço em conjunto dos meios

³⁷ Segundo Rocha (2012), citado por Manuella Barbosa, accountability seria vinculado à obrigação e a responsabilização dos governantes perante as prestações de contas de suas ações sobre a sociedade.

tecnológicos, é possível abrir caminho para novos meios de produção, com diversos outros moldes, pela inovação.

Nessa esfera, é viável esperar o aparecimento de novos indivíduos, os quais criam novos negócios, os chamados empresários, sendo este, um dos fatores que influenciam diretamente no desenvolvimento econômico de uma sociedade, realizando várias combinações nos modos de produção (SCHUMPETER, 1997, p. 83).

Destarte, com a presença de empresários, muitos negócios podem florescer em uma sociedade, principalmente pelas influências de inovações nas demandas e ofertas, dando passagem para mais trocas, e com o provável crescimento de novos meios de exploração comercial. Sobre este escopo, entende-se que estes são frutos do que podemos, a grosso modo, atrelar aos progressos da tecnologia, um grande exemplo seria de Bill Gates e Paul Allen, empresários que fundaram a Microsoft, responsável pelo desenvolvimento do sistema operacional mais utilizado no mundo, entre diversos outros softwares.

E por último, podemos mencionar o espaço da distância em que essa mesma pode se difundir. Nesse ponto, vemos a questão que Diaconu traz em seus estudos sobre a imitação e a difusão, isto é, a difusão como um meio que envolve outros países pelas inovações e informações e a imitação, essa sendo um dos métodos de acompanhar, de forma similar, outras sociedades, garantindo maior desempenho e conseqüentemente, o seu catching up. Aqui é viável expor uma posição de que, tudo o que é inovado e criado por novas combinações, uma hora passará para outras mãos, isso é algo natural e inevitável³⁸.

Considera-se aqui o mesmo argumento, a questão de que cada país tem o seu tempo e o seu meio de evolução e de desenvolvimento em razão de suas singularidades. Logo, ainda que há o âmbito da imitação, e da difusão, a aplicação será feita apenas quando este estiver preparado, junto com a população, entendida como o coração³⁹ de um Estado.

Diante do exposto, contemplamos que o progresso da tecnologia é uma das peças fundamentais para o desenvolvimento dos países, mas para que o sucesso deste elementos seja concretizado, é preciso adotar formas de adaptação e difusão que levam o progresso ao longo prazo. Torna-se válido sopesar os pontos que Diaconu e Lall elucidam, bem como o

³⁸ Pode-se interligar com o ponto de imitação e difusão que Diaconu traz.

³⁹ Sem a população, não há necessidade de se estabelecer um Estado, já que é uma peça fundamental para que este meio seja instituído.

posicionamento de Zagato⁴⁰ para que sejam atendidos tanto o avanço tecnológico, como o progresso econômico, dando prudência nas questões de tudo o que foi exposto anteriormente. Parte dos fundamentos dos pontos supraditos se encontram justamente no Brasil, o qual sofreu a referida queda devido a um novo período de revolução tecnológica na década de 1980, o qual foi marcado pela crescente divergência tecnológica mundial, anulando também, outros avanços alcançados por países periféricos (AREND; FONSECA, 2012).

2.4. O Desenvolvimento e a evolução de um país

Por fim, cabe elucidar nesse trecho, a diferença entre a evolução e o desenvolvimento, duas palavras que parecem soar sobre uma mesma característica a ser incorporada no progresso de um país ou sociedade, entretanto, ao que parece não são idênticas quando associamos no horizonte de um país.

Vimos no decorrer desta análise, que a economia e tecnologia podem caminhar juntos, e que com o progresso, ambas podem ir para frente, contemplamos ainda, a questão em que um país só conseguirá alcançar o seu objetivo e avanço, se a população e a questão da economia estiverem balanceados e estáveis, e no conjunto de toda essa engrenagem, há ainda a questão emocional a ser inserta, dando conexão com parte do bem-estar da sociedade, fazendo com que, em consequência, dê impulso para os trabalhos e expansões.

Quando falamos nas questões de esfera econômica e tecnológica, em conexão com as inovações, é possível interpretar aqui como o desenvolvimento, pois está vinculado ao avanço material, bem como os bens e meios que auxiliam na parte física em um espaço, como em exemplo, o trabalho e o capital. O desenvolvimento está em sua maior parte ligado no que cabe ao elemento que se instala no que é corpóreo, logo, em tudo o que se concretiza, como no plano das terras, lucros, entre outros meios, trazendo então, o entendimento do que chamamos neste momento de coisas tangíveis.

Já a evolução pode ser posta em uma esfera mais abstrata, metafísica, no entanto, fundamental para compreendermos a margem do bem-estar interno, isto é, da população e trabalhadores. Sobre o que já foi dito na parte da felicidade, atentamos que ela foi de grande influência para um crescimento econômico e maior rendimento, e assim, partimos para o

⁴⁰ A priorização de alguns setores relacionados a tecnologia para serem auxiliados, para garantir progresso e aspectos positivos em todos os setores da economia, ajudando no desenvolvimento econômico como um todo (ZAGATO, 2019, p. 542).

conceito de que a evolução seria um progresso, porém, muito mais interno e vigoroso na comparação com o desenvolvimento.

A evolução caberia ainda, em comparação a um pensamento de uma relação política identitária, há mais que um consenso nesse caso, quando se tratando de um progresso evolutivo em um país. Existe, sobretudo, uma afinidade e confiança, um bem-estar adstrito na felicidade, ou seja, um elo da população com o governo atual.

Do mesmo jeito, cabe comparar a situação da economia e tecnologia com as suas inovações. O desenvolvimento reflete nas construções e avanços materiais, já a evolução se espelha na vontade, saúde e no vigor no momento em que são construídos, lembrando do quadro ponderado por Marshall⁴¹.

É incontestável que para alcançar essa margem supracitada o caminho é árduo e problemático, visto que necessita de um ordenamento mais aperfeiçoado e aprofundado nas questões de como desenvolver, além de tudo, a política de um governo que se compare e identifique todos os pontos especulados. Porém, não se pode deixar de considerar essa composição de aspectos, visto que ao longo dessa exploração foram constatadas diversas situações, em que se demonstrou que um bom desenvolvimento não pode se partir apenas do puro crescimento da economia, ou da parte tecnológica, mas também deve partir de um contentamento da população, e sobretudo, de uma estabilidade do bem-estar em conjunto dos outros meios visualizados. Entrevemos aqui que o catching up dos países em desenvolvimento é possível, mas para que isso se concretize, é necessário que estes se atentem aos pontos indicados, bem como os outros mencionados por Zagato em seu artigo.

⁴¹ Da questão ponderada em razão da saúde, do vigor, de um contentamento da sociedade para continuar a trabalhar.

Conclusão

O seguinte trabalho procurou buscar, em conjunto com outros diversos autores, o entendimento sobre a parte econômica e tecnológica, estes foram entendidos como importantes influenciadores de um país, principalmente para o seu progresso, e conseqüentemente, o resultado de um catching up, o qual foi vislumbrado pelo artigo de Ligia Zagato. Foi trazida primeiramente uma análise de uma visão interna de uma sociedade empresarial constituída por indivíduos, assim, relacionando-a para uma esfera maior, o país, o qual também é estabelecida uma sociedade, essa, por sua vez está em uma busca constante de uma finalidade lucrativa, o qual ressalta na parte do desenvolvimento e avanços.

Vimos que para entender o âmbito econômico e tecnológico externo de um país, devemos, em primeiro lugar, extrair uma análise do interno, isto é, entender como a economia pode ser movida, além da questão do espaço, dos trabalhos e do capital. É importante realçar a questão do horizonte psicológico do indivíduo, nesse caso, a felicidade, o qual foi observada como um dos fatores que podem influir na economia, concebemos ainda que o rendimento, o vigor e a saúde aumentam, conforme o nível do bem-estar da população, muito relacionada com o fator felicidade. A economia da felicidade, por sua vez, buscou analisar a parte interna dos indivíduos, entendendo como a parte emocional, psicológica e sociológica pode afetar a questão da emoção, relacionando esses aspectos com a economia e o rendimento.

Em seguida, buscou-se compreender a estrutura da economia em uma das visões clássicas: como ela pode ser formada, e a que podemos atrelar. Foi estabelecida uma relação da mesma como sendo um dos desafios para a democracia, desenvolvendo passagens de alguns aspectos em que essa forma de governo traz para a referida parte econômica dentro de uma sociedade, contemplando uma certa conectividade com idealização identitária de um povo para com o governo, bem como as políticas públicas. Foi analisado que decisões governamentais influenciam diretamente na parte econômica de um país, principalmente a longo prazo, como o caso apresentado do Brasil.

Visto a parte da economia, foi consagrado o ramo da tecnologia, compreendendo que ela não foi apenas eficaz para as melhorias de trabalhos e produções, como também fez com que muitos adotassem pontos coesivos com a população, economia e a própria tecnologia, com as inovações, dando a entender que estivessem ligados, como uma engrenagem. Entende-se que a tecnologia pode acabar com muitos meios obsoletos, inclusive trabalhos, porém, ao ser bem aplicada, pode trazer novos, junto das inovações, diante dos mais variados setores, o desafio do

ponto supracitado é encontrar um ponto de equilíbrio que consigne à estabilidade. E novamente, vemos a conexão da tecnologia como um desafio, em relação à luz da democracia, elevando uma imprescindível postulação na vinculação, participação e manifestação do povo com o governo.

Por fim, houve uma busca pela interpretação e diferença entre o que chamamos de desenvolvimento e evolução, tencionando pela parte do trabalho realizado, visto que, dentro de um país, é possível entender o desenvolvimento relevando em questões de bens materiais, observando o que foi mencionado: crescimentos da economia, progressos tecnológicos e outros bens materiais que um país pode produzir e elevar. Já a evolução foi compreendida aqui como sendo um meio intrínseco, como a felicidade o qual foi exposta e observada, a relação identitária de compreensão de um povo supracitada, dentro do governo, aumentando a autonomia, e a força de vontade, e a questão do bem-estar da população, trazendo o vigor e a saúde, além de tudo, a prosperidade.

Destarte, vemos que os países em desenvolvimento possuem sim, a possibilidade da realização o catching up, entretanto, para que possam efetivamente adentrar neste contexto, é preciso analisar acima os pontos delineados, bem como muitos outros que apontam em sua esfera.

Referências bibliográficas

ANDRÉ BONA (Brasil). **Formação Bruta de Capital Fixo: o que é e como interpretar este indicador**. Brasil, 8 nov. 2019. Disponível em: <https://andrebona.com.br/formacao-bruta-de-capital-fixo-o-que-e-e-como-interpretar-este-indicador/#:~:text=Al%C3%A9m%20de%20mostrar%20a%20capacidade,um%20certo%20per%C3%ADodo%20de%20tempo>. Acesso em: 4 out. 2020.

ASCARELLI, Tullio. **Problemas das sociedades anônimas e direito comparado**. São Paulo: Saraiva, 1945. 274-332 p.

CAMPOS, Gabriela I. R. V.. **O desenvolvimento econômico em países em desenvolvimento: estruturalismo na América Latina**. C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA, Ilhéus, n. 2, p. 55 – 65, nov. 2013.

CHIAVENATO, Daniele. **Felicidade e PIB per capita, existe relação?**. Brasil, 9 fev. 2018. Disponível em: <https://terraceconomico.com.br/felicidade-e-pib-per-capita-existe-relacao/>. Acesso em: 23 maio 2020.

CAMPOS, Ivan Moura; VALADARES, Eduardo de Campos. **Inovação Tecnológica e Desenvolvimento Econômico**. Minas Gerais, v. 1, n. 1, p.1-15. Disponível em: <http://www.schwartzman.org.br/simon/blog/inovacaomg.pdf>. Acesso em: 28 maio 2020.

CRISTIANINI, Maria Carolina. **Afinal, em qual período o Brasil foi mais desenvolvido?**. Brasil, 27 ago. 2019. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-quando-o-brasil-foi-mais-desenvolvido.phtml>. Acesso em: 4 out. 2020.

DIACONU, Mihaela. Technological Innovation: Concept, Process, Typology and Implications in the Economy. **Theoretical and Applied Economics**, Romênia, v. XVIII, n. 563, ed. 10, p. 127-144, 2011. Disponível em: <http://www.ectap.ro/theoretical-and-applied-economics-number-10-2011/r79/>. Acesso em: 19 maio 2020.

EASTERLIN, Richard Ainley; ANGELESCU, Laura. Happiness and Growth the World Over: Time Series Evidence on the Happiness-Income Paradox. **Discussion paper series**, Califórnia, v. 1, n. 400, ed. 1, p. 2-29, 2009.

EASTERLIN, Richard Ainley. **Does economic growth improve the human lot?: some empirical evidence**. Pensilvânia, v. 1, ed. 1, p. 89-125, 1971-1972.

ECONOMIC RESEARCH COUNCIL (Inglaterra). **Ten Largest Global Economies: Happiness Index since 2015**. London, 2019. Disponível em: <http://ercouncil.org/2019/chart-of-the-week-week-34-2019/>. Acesso em: 24 maio 2020.

FAGERBERG, Jan. **About**. Reino Unido: EOS with Elegant WordPress Themes, [20-?]. Disponível em: <http://www.janfagerberg.org/about/>. Acesso em: 20 maio 2020.

FIA (Brasil). **Principais parceiros comerciais do Brasil: países, produtos e acordos**. Brasil, 20 jan. 2020. Disponível em: <https://fia.com.br/blog/parceiros-comerciais-do-brasil/>. Acesso em: 15 maio 2020.

FISCHER, Frank; MILLER, Gerald J.; SIDNEY, Mara S. **Handbook of Public Policy Analysis: Theory, Politics, and Methods**. 1. ed. Estados Unidos: CRC Press, 2007. 642 p. ISBN 9781574445619.

FORGIONI, Paula Andrea; MIURA, Maira Yuriko Rocha. **O princípio da neutralidade e o Marco Civil da Internet no Brasil**. In: Direito e internet III: Marco Civil da Internet, Lei n. 12.965/2014[S.l: s.n.], 2015.

GOMES, Guilherme Nascimento; DIEGUES, Antonio Carlos; "Catching up ou falling behind? As transformações na estrutura produtiva brasileira em perspectiva comparada à indústria global entre 1995 e 2014", p. 492-507. In: São Paulo: Blucher, 2017. ISSN 2357-7592, DOI 10.5151/enei2017-28

GÉLIO, Pedro Henrique. **O processo de catch up de países em desenvolvimento: o caso da indústria de semicondutores da china**. Orientador: Victor Prochnik. 2011. 43 p. Monografia de Bacharelado (Bacharelado em economia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/2189/1/PHG%C3%A9lio.pdf>. Acesso em: 4 out. 2020.

LEMONS, MAURO BORGES. Capacitação tecnológica e Catching Up: o caso das regiões metropolitanas emergentes brasileiras. **Brazilian Journal of Political Economy**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 95-118, jan./mar. 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31572006000100006&script=sci_arttext. Acesso em: 23 set. 2020.

MARQUES, Maria Silvia Bastos; BATISTA JR., Paulo Nogueira. Protecionismo dos países industrializados e dívida externa Latino-americana. **Revista de Administração de Empresas**, Rio de Janeiro, p. 36-47, abr./jun. 1987.

MARSHALL, Alfred. **Princípios de economia**: tratado introdutório. Tradução Rômulo Almeida e Ottolmy Strauch. 1. ed. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1996. 368 p. v. 1. ISBN 85-351-0913-7. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1308458/mod_resource/content/1/marshall%20%281996%29%20principios%20de%20economia%2C%20vol%201.pdf. Acesso em: 22 maio 2020.

MARTINS, Júlia Cadaval. Democracia e desenvolvimento econômico: relação de identidade, instrumentalidade ou contradição?. **Constituição, Economia e Desenvolvimento: Revista da Academia Brasileira de Direito Constitucional**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 97-110, ago./dez. 2009.

NERY, Pedro Fernando. **O que é economia da felicidade e como ela pode ser aplicada às políticas públicas?**. Brasil, 13 out. 2014. Disponível em: <http://www.brasil-economia-governo.org.br/2014/10/13/o-que-e-economia-da-felicidade-e-como-ela-pode-ser-aplicada-as-politicas-publicas/>. Acesso em: 10 maio 2020.

OLIVEIRA, Osmar Nascimento de; OLIVEIRA, Terezinha. O conceito de felicidade na filosofia: aproximações entre boécio, aristóteles, epicuro e sêneca. **Anais da Jornada de Estudos Antigos e Medievais**, Maringá, p. 1-11, ago. 2013. ISSN 2177-6687.

SANTOS, Anabela Sousa. Economia da Felicidade: Determinantes da felicidade e a influência das dimensões socioculturais. Um estudo multicultural. **Departamento de ciências económicas, empresariais e tecnológicas**, Lisboa, v. 1, ed. 1, p. 2-353, 2015.

SCHNEIDER, Débora. **Aonde anda essa tal de felicidade: LIBERDADE X SEGURANÇA**. Brasil, [s.d.]. Disponível em: http://www.zmultieditora.com.br/pdf_post.php?id=85. Acesso em: 19 maio 2020.

SCHUMPETER, Joseph Alois. **Teoria do desenvolvimento econômico**: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. Tradução Maria Sílvia Possas 1. ed. São Paulo: Nova Cultural Ltda., 1997. 237 p. ISBN 85-351-0915-3.

SGROI, Daniel. "**Happiness economics**" in reverse: Does happiness affect productivity?. Reino Unido: VoxEU, 26 jul. 2010. Disponível em: <https://voxeu.org/article/does-happiness-affect-productivity>. Acesso em: 17 maio 2020.

SUZUKI, Manuella Barbosa. A influência da tecnologia na Democracia: Avaliando aumento ou modificação da participação popular no voto visando eleições ou decisões. **Programa de pós-graduação em ciência, tecnologia e sociedade**, São Paulo, v. 1, ed. 1, p. 15-106, 2017.

TOKARNIA, Mariana. **Um em cada 4 brasileiros não tem acesso à internet, mostra pesquisa**: Número representa 46 milhões que não acessam a rede. Rio de Janeiro: Graça Adjuto, 29 abr. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/um-em-cada-quatro-brasileiros-nao-tem-acesso-internet>. Acesso em: 21 maio 2020.

VARELLA, Sergio Ramalho Dantas; MEDEIROS , Jefferson Bruno Soares de; SILVA JUNIOR , Mauro Tomaz da. O desenvolvimento da teoria da inovação schumpeteriana. **Xxxii encontro nacional de engenharia de produção** , Rio Grande do Sul, v. 1, n. 1, p. 2-10, out. 2012.

WORLD HAPPINESS REPORT (Estados Unidos). **World Happiness Report 2017**. Estados unidos, 20 mar. 2017. Disponível em: <https://worldhappiness.report/ed/2017/>. Acesso em: 27 maio 2020.

ZAGATO, Ligia. Ainda é possível que os países em desenvolvimento façam seu catching up no século XXI?. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 527-543, jul./Set. 2019.